

Fuxico na Moda Contemporânea: Tradição, Resistência e Inovação na Passarela Brasileira

Giulia Minosso de Almeida Pirozi

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
<http://lattes.cnpq.br/4154675244235822>
minossogiulia2@gmail.com

Josiany Oenning Favoret

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
<http://lattes.cnpq.br/8267911988044698>
josiany@hotmail.com

Rosimeiri Naomi Nagamatsu

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
<http://lattes.cnpq.br/8746128673629128>
Naomi@utfpr.edu.br

Resumo

Este trabalho investiga a técnica artesanal do fuxico no Brasil e analisa como esse saber tradicional se manifesta na moda contemporânea nacional, por meio das coleções das marcas Misci (SPFW N52) e Weider Silveiro (SPFW N55). A escolha do fuxico como objeto de estudo se justifica por seu valor simbólico, histórico e estético, representando uma prática marcada por ancestralidade, resistência e expressão identitária. Com origem entre mulheres escravizadas, o fuxico resistiu à marginalização social e foi ressignificado em contextos diversos, incluindo a moda de passarela. A pesquisa adota abordagem qualitativa e se fundamenta na articulação entre moda, cultura e artesanato, considerando o potencial transformador do design autoral brasileiro. Ao evidenciar como marcas contemporâneas incorporam o fuxico em suas propostas criativas, o estudo propõe uma reflexão sobre a valorização de saberes populares, os diálogos entre tradição e inovação e a construção de uma moda ética, afetiva e culturalmente engajada.

Palavras-chave

Fuxico; Artesanato; Moda brasileira; Identidade cultural; Design autoral.

Fuxico in Contemporary Fashion: Tradition, Resistance, and Innovation on the Brazilian Runway

Abstract

This study investigates the artisanal technique of fuxico in Brazil and analyzes how this traditional knowledge is expressed in contemporary national fashion through the collections of the brands Misci (SPFW N52) and Weider Silveiro (SPFW N55). The choice of fuxico as the object of study is justified by its symbolic, historical, and aesthetic value, representing a practice rooted in ancestry, resistance, and identity expression. Originating among enslaved women, fuxico resisted social marginalization and has been reinterpreted in diverse contexts, including runway fashion. The research adopts a qualitative approach and is grounded in the interplay between fashion, culture, and craftsmanship, considering the transformative potential of Brazilian authorial design. By highlighting how contemporary brands incorporate fuxico into their creative proposals, the study reflects on the appreciation of traditional knowledge, the dialogue between tradition and innovation, and the construction of an ethical, affective, and culturally engaged fashion.

Keywords

Fuxico; Craftsmanship; Brazilian fashion; Cultural identity; Authorial design.

1 Introdução

O presente trabalho tem como objetivo investigar o uso da técnica artesanal do fuxico no Brasil e analisar como esse saber tradicional se desdobra na moda brasileira contemporânea, por meio da análise das coleções das marcas Misci e Weider Silveiro, apresentadas, respectivamente, nas edições N52 e N55 da São Paulo Fashion Week. A escolha do fuxico como objeto de estudo justifica-se por seu valor simbólico, histórico e estético, representando uma prática que transcende o simples fazer manual e incorpora significados sociais, culturais e identitários. Trata-se de uma técnica têxtil de origem popular, cuja trajetória dialoga com a ancestralidade e com a resistência dos grupos sociais que a mantiveram viva ao longo do tempo.

Segundo Lima (2003), o fazer artesanal envolve a transformação criativa de matérias-primas em peças únicas, marcadas pela identidade de seu criador. Barroso (2000) destaca a capacidade do artesanato de transmitir cultura e sensibilidade, enquanto Silva (2006) o reconhece como expressão de manifestações populares, geralmente vinculadas a grupos socialmente marginalizados. Assim, o artesanato, como o fuxico, carrega valores simbólicos que resistem à padronização da produção industrial, reafirmando sua importância como prática identitária, afetiva e de expressão social.

Originado no contexto do Brasil colonial, entre mulheres escravizadas que utilizavam retalhos de tecido e agulhas improvisadas para criar peças enquanto trocavam experiências e confidências, o fuxico configura-se como uma prática artesanal genuinamente brasileira, marcada por simbolismo, ancestralidade e resistência silenciosa. Ao mesmo tempo, trata-se de uma técnica aberta a atualizações estéticas e funcionais, o que tem permitido seu trânsito entre o artesanal e o autoral, do popular ao institucional.

Dessa forma, com base em uma abordagem qualitativa e interpretativa, esta pesquisa busca compreender como essa prática tradicional, muitas vezes invisibilizada ou relegada ao campo do “simples” ou “doméstico”, tem sido ressignificada no campo da moda contemporânea de passarela, especialmente por marcas que valorizam a cultura brasileira em suas múltiplas expressões. A análise propõe investigar como o fuxico se insere em narrativas visuais que promovem diálogos entre passado e presente, entre ancestralidade e inovação, e de que maneira sua presença na moda autoral contribui para uma valorização crítica dos saberes populares.

2 Conceituação de Artesanato

O Conselho Mundial do Artesanato define o artesanato como todo processo produtivo que resulta na criação de objetos finalizados, realizados manualmente ou com o auxílio de técnicas tradicionais, exigindo destreza, criatividade e qualidade no fazer. Essa definição aproxima o conceito de artesanato ao de arte, uma vez que ambos valorizam o processo criativo e a expressão individual. Em sua essência, o artesanato representa um saber manual, em que o uso de ferramentas ou máquinas ocorre de forma complementar, sem comprometer a centralidade do trabalho das mãos. A singularidade desse fazer reside, sobretudo, na valorização do tempo, da experiência sensível e da presença subjetiva do criador em cada peça confeccionada.

Para Lima (2003), esse fazer manual implica na transformação criativa de matérias-primas em artefatos únicos, confeccionados em pequena escala e impregnados da identidade de seu criador. A manualidade, nesse contexto, não é apenas um atributo técnico, mas também um meio de expressão de vivências, histórias e tradições. Assim, o artesanato transcende a simples atividade manual, destacando-se pela singularidade, inovação em formas e usos, e pela capacidade de transmitir cultura e sensibilidade individual (BARROSO, 2000). Cada peça, ainda que possa ser reproduzida em

variações, mantém traços da subjetividade de quem a produziu, funcionando como um elo entre o material e o simbólico, entre o individual e o coletivo.

Silva (2006) enfatiza que características como utilidade, funcionalidade e produção limitada são fundamentais para a definição do artesanato, sendo que os modos de produção variam de acordo com os contextos culturais, históricos e materiais de cada região. Essa diversidade de práticas artesanais reflete os saberes locais e as adaptações culturais construídas ao longo do tempo. A utilização de recursos naturais disponíveis localmente confere exclusividade e autenticidade às peças, estabelecendo um vínculo entre o artesanato e a sustentabilidade, não apenas ambiental, mas também econômica e social.

Ainda segundo Silva (2006), o artesanato reflete expressões artísticas populares, muitas vezes oriundas de grupos economicamente marginalizados. Por essa razão, está fortemente associado à cultura de comunidades de baixa renda, que encontram nessa prática não só um meio de subsistência, mas também uma forma de preservação de identidade e resistência frente às pressões homogeneizadoras da indústria cultural e do mercado globalizado. Ao ocupar esse espaço liminar entre a arte e o utilitário, o artesanal desafia as fronteiras impostas pelos sistemas hegemônicos de produção e valor, revelando-se um campo fértil de inovação social e estética.

Além disso, o artesão desfruta de liberdade criativa para determinar o ritmo de sua produção, a escolha dos materiais e as formas que deseja imprimir em suas criações. Esse processo autônomo permite que os produtos artesanais carreguem histórias, afetos e técnicas aprendidas por meio da oralidade, da observação e da prática cotidiana. Conforme Lima (2006), o processo artesanal incorpora o conhecimento, o saber-fazer e os valores culturais do criador, funcionando como uma extensão de sua visão de mundo e de sua inserção comunitária.

A Fundação Nacional de Arte (FUNARTE, 1978) reforça essa perspectiva ao afirmar que o artesanato carrega um toque de humanidade, funcionando como um contraponto à padronização imposta pela produção em massa. Em tempos marcados pela aceleração tecnológica e pela mercantilização de todas as esferas da vida, o artesanato emerge como uma prática que resgata o valor do fazer com as mãos, do tempo dedicado à criação e da relação afetiva com o objeto produzido. Assim, o artesanal se afirma como uma forma de resistência simbólica e cultural, capaz de gerar pertencimento, fomentar redes de economia solidária e preservar a memória coletiva de diferentes comunidades.

3 História do Artesanato

O artesanato é uma das atividades mais antigas da humanidade, estando intrinsecamente ligado ao desenvolvimento das sociedades. Desde o período Neolítico, o ser humano manipula a matéria-prima encontrada na natureza para criar objetos voltados às necessidades básicas, utilitárias ou decorativas (Silva, 2006). Nesse contexto, o fazer artesanal não apenas supria funções práticas, como também assumia valor simbólico e espiritual, estando presente em rituais, construções coletivas e representações culturais. Ao longo da história, as técnicas artesanais evoluíram de acordo com os recursos disponíveis e os contextos socioculturais, consolidando-se como parte essencial da herança material e imaterial de diferentes civilizações.

Na Grécia Antiga, os artesãos, conhecidos como demiurgos, eram inicialmente valorizados por sua habilidade técnica e por contribuírem diretamente para a organização da vida urbana. No entanto, com o fortalecimento de sociedades hierarquizadas e escravocratas, o trabalho manual passou a ser desvalorizado em relação às ocupações intelectuais ou políticas (Cunha, 2005). Essa lógica perdurou em muitos períodos históricos, afetando a percepção social do artesanato. Na Idade Média, por sua

vez, o fazer artesanal foi incorporado ao cotidiano dos mosteiros, onde era incentivado como forma de ocupar o tempo livre e evitar o ócio, considerado uma ameaça à moral religiosa. Foi nesse período que o artesanato passou a ser também um instrumento de transmissão de saberes e de preservação de técnicas, muitas vezes ligadas à confecção de objetos litúrgicos ou utilitários.

Com o declínio do sistema feudal e o crescimento dos centros urbanos na Baixa Idade Média, os artesãos ganharam maior autonomia e começaram a organizar-se em Corporações de Ofício, associações que regulamentavam as práticas manuais, o tempo de aprendizagem e a qualidade da produção (Mota, 2012). Essas corporações também funcionavam como espaços de sociabilidade e de construção de identidades profissionais. No entanto, a chegada da Revolução Industrial, a partir do século XVIII, provocou transformações profundas. A divisão do trabalho, a mecanização da produção e o crescimento das fábricas em larga escala reduziram drasticamente o espaço da produção artesanal tradicional (**Huberman, 1981**). O modelo industrial priorizava a padronização, a produtividade e o lucro, deixando em segundo plano o valor simbólico, criativo e afetivo do trabalho manual.

No Brasil, a trajetória do artesanato seguiu caminhos distintos em relação ao contexto europeu. Durante o período colonial, a atividade esteve fortemente associada ao trabalho exercido por povos indígenas e por pessoas escravizadas de origem africana, o que acarretou a desvalorização social da prática (Cunha, 2005). Essas populações, embora detentoras de vasto conhecimento técnico e criativo, foram historicamente excluídas do reconhecimento institucional, e seu saber-fazer foi por muito tempo invisibilizado ou apropriado sem o devido crédito. Esse estigma contribuiu para a extinção das Corporações de Ofício no Brasil já no século XIX, período em que novas formas de trabalho remunerado, ligadas ao comércio e à urbanização, ganhavam maior prestígio social.

A chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808 impulsionou algumas mudanças culturais importantes. A presença da família real e da elite europeia trouxe consigo novas demandas estéticas, valorizando práticas manuais como bordados, rendas e outros adornos têxteis. As mulheres brasileiras, especialmente nas regiões urbanas, passaram a adaptar essas técnicas ao contexto tropical, utilizando fios de algodão, cores vibrantes e materiais disponíveis localmente, contribuindo para a construção de uma estética própria e tipicamente brasileira. Esse movimento híbrido de apropriação e reinvenção contribuiu para a riqueza do artesanato nacional, ainda que sua valorização permanecesse restrita a círculos sociais específicos.

Apesar disso, o artesanato continuou a ser amplamente visto sob uma perspectiva assistencialista ou folclórica ao longo do século XX, sendo tratado muitas vezes como uma atividade secundária, vinculada ao amadorismo ou à complementação de renda em comunidades empobrecidas. Apenas a partir da década de 1990, e especialmente após 1998, começou-se a adotar uma abordagem mais sistêmica da atividade artesanal, reconhecendo seus potenciais culturais, sociais e econômicos. Essa nova visão passou a considerar todos os elos da cadeia produtiva do artesanato, desde a matéria-prima até a comercialização, compreendendo o fazer artesanal como um campo estratégico para o desenvolvimento sustentável, a preservação da identidade cultural e o fortalecimento da economia solidária (Clemencio, 2009). Nesse sentido, o artesanato brasileiro contemporâneo tem ganhado destaque não apenas por sua estética singular, mas também como prática que articula tradição, inovação e resistência sociocultural.

4 História e Tradição do Fuxico No Brasil

A chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808 promoveu transformações culturais significativas, influenciando diretamente os modos de produção artesanal. Elementos da estética europeia, como

rendas, bordados e acabamentos delicados, passaram a ser mais valorizados e disseminados entre as elites locais. Contudo, tais práticas foram rapidamente apropriadas e ressignificadas pelas mulheres brasileiras, especialmente nas regiões periféricas e rurais, que adaptaram essas técnicas ao contexto tropical, utilizando matérias-primas disponíveis, como fios de algodão, tecidos crus e pigmentos naturais, e introduzindo cores vibrantes e contrastantes, que se tornaram marcas distintivas do artesanato nacional.

É nesse contexto de apropriação criativa e resistência cultural que se insere o surgimento do fuxico, uma técnica têxtil de costura manual marcada por forte valor simbólico, histórico e identitário. Sua origem remonta ao período colonial, especialmente entre os séculos XVIII e XIX, associada ao cotidiano de mulheres escravizadas no Nordeste brasileiro. Sem acesso a tecidos nobres, considerados artigos de luxo restritos à casa-grande, essas mulheres passaram a reaproveitar retalhos e sobras descartadas, dando origem a pequenos círculos de tecido franzido, unidos em composições diversas. Utilizavam, muitas vezes, instrumentos improvisados, como espinhos de mandacaru ou lascas de bambu como agulhas, e fibras vegetais ou linhas reaproveitadas como fio de costura (Clemencio, 2009).

Mais do que uma simples técnica de reaproveitamento, o fuxico era um gesto de resistência e criatividade diante das adversidades impostas pela escravidão. Os momentos de produção coletiva nas senzalas funcionavam como espaços de convivência, troca de experiências, memória oral e, sobretudo, como estratégias de fortalecimento emocional. O termo "fuxico", segundo alguns estudos, deriva de expressões de origem africana e ganhou conotações múltiplas, podendo significar tanto "remendo" quanto "conversa reservada", refletindo o ambiente de cumplicidade e sigilo que permeava esses encontros. Assim, a prática do fuxico assume uma dimensão simbólica profunda: costurar era também comunicar, manter viva a ancestralidade, narrar histórias e criticar, de forma velada, as dinâmicas opressoras da casa-grande.

Com o passar do tempo, essa técnica originalmente vinculada às camadas sociais marginalizadas ultrapassou os limites do espaço doméstico e da invisibilidade social, ganhando novas formas e significados. A partir do século XX, o fuxico passou a ser incorporado em peças decorativas e utilitárias, como colchas, almofadas, tapetes e vestuário, especialmente nas regiões Nordeste e Sudeste do país. Seu valor estético passou a ser reconhecido também em contextos mais valorizados, como o design de interiores, a arte popular e, mais recentemente, na moda autoral brasileira.

No século XXI, o fuxico foi progressivamente resgatado por estilistas, artistas e coletivos de criação como símbolo de sustentabilidade, ancestralidade e identidade cultural. Sua simplicidade técnica, aliada à possibilidade de reaproveitamento de materiais e à expressão estética única, tornou-se um importante recurso para narrativas visuais que buscam romper com os padrões da indústria da moda massificada. Atualmente, o fuxico é compreendido não apenas como uma técnica artesanal, mas como uma linguagem têxtil, que carrega em sua forma circular e repetitiva a história de resistência de mulheres negras e periféricas no Brasil, mantendo vivas práticas culturais que foram, por muito tempo, silenciadas ou desvalorizadas.

Portanto, o fuxico representa uma herança viva da cultura popular brasileira, reinventando-se continuamente sem perder sua essência. Seja em colchas passadas de geração em geração, seja em criações contemporâneas nas passarelas ou no design, ele reafirma a potência da memória, da coletividade e da estética popular como formas legítimas e profundas de expressão social e política.

5 O Fuxico nas Passarelas Brasileiras

5.1 “Fuxico Lanches”- Misci

A Misci é uma marca de moda nacional idealizada pelo designer mato-grossense Airon Martin, em 2018. Sua proposta estética se fundamenta na valorização da miscigenação como traço central da identidade brasileira. O nome da marca, um neologismo derivado da palavra “miscigenação”, traduz esse conceito ao reunir múltiplas referências culturais, visuais e afetivas do Brasil (Bazaar Brasil, 2021).

Criado por mulheres nordestinas em Sinop, cidade do interior do Mato Grosso situada na região amazônica, Martin teve contato, desde a infância, com uma diversidade de influências regionais, que o sensibilizaram para os contrastes e riquezas do país. A Misci nasceu, assim, como um estúdio multidisciplinar, formado junto a amigos e colaboradores de diferentes áreas criativas, com o propósito de integrar moda, design, memória e identidade cultural. Em seu lançamento, ainda em 2018, a marca apresentou uma coleção que mesclava mobiliário e vestuário, refletindo sua abordagem inovadora, híbrida e sensível (Misci, 2025).

Desde então, a Misci tem se destacado por representar a brasilidade e técnicas regionais por meio de peças carregadas de identidade e experimentação, rompendo com os padrões convencionais da moda por meio de modelagens livres, fluidas e inclusivas, voltadas para todos os corpos e identidades. Suas criações rejeitam estereótipos visuais e comportamentais, e propõem uma moda ética, diversa, afetiva e enraizada em saberes populares (Bazaar Brasil, 2021). Além disso, a marca adota um posicionamento consciente quanto ao processo produtivo: utiliza matérias-primas nacionais, desacelera os ciclos de produção e prioriza o trabalho digno e valorizado de seus colaboradores, afastando-se do modelo exploratório e acelerado característico do sistema da moda tradicional (Exame, 2024; Bazaar Brasil, 2021).

A primeira participação presencial da Misci na São Paulo Fashion Week (SPFW N52), principal evento de moda do país, ocorreu na temporada de Inverno 2022 (FFW, 2021). A coleção apresentada, intitulada “Fuxico Lanches”, foi inspirada em uma lanchonete homônima frequentada pelo designer na infância, localizada às margens da BR-163, em Sinop (Lilian Pacce, 2021). A coleção evoca temas como nostalgia, afeto, interioridade e encontros cotidianos, sendo escolhida neste trabalho como objeto de estudo pelo protagonismo da técnica artesanal do fuxico como elemento simbólico, estrutural e estético de suas peças.



Figura 1: Looks da coleção “Fuxico Lanches” produzidos com fuxicos.
Fonte: FFW, 2021.

O título da coleção opera com múltiplos sentidos: faz alusão tanto ao “fuxico” como fofoca e às mulheres chamadas “fuxiqueiras”, quanto à própria técnica artesanal têxtil tradicional, amplamente empregada nas criações. Ao trazer o fuxico para o universo da moda contemporânea, a Misci estabelece um diálogo entre o presente e o saber popular, ressignificando elementos da cultura nordestina e brasileira, que marcaram profundamente a vivência do designer. A coleção articula temas como identidade, pertencimento, afeto e memória, conferindo valor simbólico e político a práticas antes marginalizadas no campo da moda e apontando caminhos para uma produção mais afetiva, consciente e enraizada nas pluralidades do país.

5.2 Weider Silveiro SPFW N55

Weider Silveiro é um estilista brasileiro natural do interior do Piauí, cuja trajetória na moda é marcada pela fusão entre técnicas tradicionais nordestinas e abordagens contemporâneas (Dataísmo, 2024). Radicado em São Paulo, fundou sua marca homônima como uma plataforma criativa para investigar questões ligadas à identidade, ancestralidade e pertencimento, desenvolvendo uma estética autoral que mescla o urbano, o minimalismo e o refinamento contemporâneo. Suas criações se destacam pelo design sofisticado, sensível e engajado, revelando um olhar crítico sobre a realidade brasileira (House of Models, 2023).

Nas coleções do estilista, especialmente a de 2023, observa-se um diálogo expressivo entre tecidos urbanos, como algodão, piquê e malha, e elementos artesanais, como tapeçarias, bordados e aplicações de fuxico, técnica têxtil tradicional do Nordeste. Esse contraste entre o industrial e o ancestral, entre o maquinário e a manualidade, tornou-se uma assinatura de sua linguagem visual e sensorial, revelando uma costura entre passado e presente (SPFW, 2023).

Desde sua estreia na São Paulo Fashion Week, Weider vem se consolidando como uma das vozes mais relevantes da moda brasileira contemporânea, promovendo um design afetivo, político e socialmente engajado. Em suas coleções, ele aborda temas como feminismo, representatividade LGBTQIA+ e a invisibilidade de pessoas em situação de rua, propondo uma moda que ultrapassa o vestuário enquanto objeto e se posiciona como linguagem crítica e ferramenta de transformação social (Dataísmo, 2024).

Durante a SPFW N55, na temporada de Inverno 2023 (FFW, 2023), o estilista incorporou pela primeira vez técnicas manuais tradicionais ao seu repertório criativo de passarela. O resgate dessas práticas, como a tapeçaria e o fuxico, carrega um significado afetivo e autobiográfico: Weider cresceu cercado pela simplicidade, afeto e criatividade de mulheres da família, como tias e avós, que produziam artesanalmente no cotidiano. Embora, na juventude, essas práticas tenham sido por ele negligenciadas, influenciado pela lógica da moda urbana e pelas grandes marcas de prestígio, hoje ele as reinsere com uma nova lente, reinterpretando seus valores e propondo uma revalorização estética e cultural desses saberes.



Figura 1: Looks da coleção de inverno de Weider Silveiro produzidos a partir de fuxicos.
Fonte: FFW, 2023.

Ao adaptar essas técnicas ao seu universo visual, que combina feminilidade contemporânea, referências minimalistas e linguagem urbana, o designer transforma sua marca em um verdadeiro “laboratório criativo”, no qual o passado e o presente se entrelaçam, propondo uma nova leitura para o artesanal na moda brasileira. Essa reconexão com as raízes, aliada à inovação formal e ao compromisso social, consolida a identidade de Weider Silveiro como uma das expressões mais potentes do design autoral no país (House of Models, 2023; SPFW, 2023).

6 Considerações Finais

O presente estudo revelou a potência simbólica, estética e política do fuxico como expressão artesanal no Brasil e sua ressignificação no contexto da moda contemporânea. Longe de ser apenas uma técnica manual, o fuxico carrega consigo uma carga histórica de resistência, ancestralidade e pertencimento, especialmente por sua origem vinculada à vivência de mulheres escravizadas no Brasil colonial. Essa prática, construída a partir do reaproveitamento e da criatividade, passou a ser reconhecida não apenas por seu valor decorativo, mas também como veículo de memória, identidade e afirmação cultural.

Ao analisar as coleções das marcas Misci e Weider Silveiro, foi possível perceber como o fuxico vem sendo reinterpretado nas passarelas brasileiras de maneira sofisticada e inovadora, sem perder de vista suas raízes populares. Ambas as marcas empregam a técnica como um gesto consciente de valorização do saber manual, promovendo um diálogo entre o passado e o presente, entre o regional e o urbano, entre o artesanal e o industrial. Essa abordagem reafirma o lugar do fuxico e, por extensão, do artesanato, como elemento legítimo e relevante no cenário da moda autoral contemporânea.

Além disso, a pesquisa evidencia a importância de se reconhecer e valorizar os saberes tradicionais como parte integrante de um projeto de moda mais ético, inclusivo e identitário. O fuxico, ao adentrar as passarelas de eventos como a São Paulo Fashion Week, amplia seus sentidos: torna-se símbolo de resistência cultural, de inovação estética e de sustentabilidade, ao propor um

reaproveitamento criativo de materiais e uma reconexão com os modos de produção mais humanos e afetivos.

Conclui-se, portanto, que a inserção do fuxico na moda contemporânea brasileira não é apenas uma tendência estilística, mas sim uma manifestação política e cultural que desafia hierarquias históricas e reposiciona o artesanal como protagonista em processos de criação e representação. A partir de olhares como os de Airon Martin e Weider Silveiro, o fuxico é elevado à condição de linguagem, de narrativa visual e de instrumento de transformação, reafirmando a moda como espaço de memória, identidade e resistência e demonstrando o potencial de atualização de símbolos tradicionais.

7 Referências

BARROSO, E. O que é artesanato. Disponível em: <http://www.eduardobarroso.com.br>, 2000.

BAZZAR BRASIL. Airon Martin: conheça o designer à frente da Misci. 2021. Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/estilo-de-vida/airon-martin-conheca-o-designer-a-frente-da-misci/> Acesso em: 15 jul. 2025.

CLEMENCIO, M. A. Artesanato e Moda: uma contribuição ao processo. Modapalavra e-periódico, Florianópolis, v. 2, n. 3, 2009. DOI: 10.5965/1982615x02032009168. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7787>. Acesso em: 17 jul. 2025.

CUNHA, L. A. O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata (online). 2 ed. São Paulo: Scielo – Editora UNE, Brasília – DF:FLACSO, 2005. Livro digital.

DATAÍSMO. Weider Silveiro: fashion culture piauiense com ESG. 2024. Disponível em: <https://dataismo.com.br/weider-silveiro-fashion-culture-piauiense-com-esg/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

EXAME. O estilista brasileiro que quer aproximar o agronegócio da moda nacional. 2024 Disponível em: <https://exame.com/agro/o-estilista-brasileiro-que-quer-aproximar-o-agronegocio-da-moda-nacional/> Acesso em: 16 jul. 2025.

FFW. WEIDER SILVEIRO Inverno 23. 2023. Disponível em: <https://ffw.com.br/desfiles/moda/inverno-23/weider-silveiro/weider-silveiro-2/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FFW. MISCI Inverno 22. 2021. Disponível em: <https://ffw.com.br/desfiles/moda/inverno-22/misci/misci-3/> Acesso em: 15 jul. 2025.

Funarte. Artesanato brasileiro. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

HOUSE OD MODELS. Weider Silveiro / SPFW N55 + Origens. 2023. Disponível em: <https://houseofmodels.com.br/2023/05/30/weider-silveiro-spfw-n55-origens/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

HUBERMAN, LEO. História da riqueza do homem. 16 ed. [s.l]:Zahar, 1981.

LILIAN PACCE. Cores e cultura brasileira na coleção Fuxico Lanches da Misci, com Sasha na passarela!. 2021. Disponível em: <https://www.lilianpacce.com.br/desfile/cores-e-cultura-brasileira-na-colecao-fuxico-lanches-da-misci-com-sasha-na-passearela/> Acesso em: 16 jul. 2025.

LIMA, R. G. Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Art.

MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Ângela Santana; PERUZZO, Juliane Feix. O novo desenvolvimentismo e as políticas sociais na América Latina. In: MOTA, Ana Elizabete (org.). Desenvolvimentismo e construção da hegemonia: crescimento econômico e reprodução da desigualdade. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, H. M. Por uma teorização das organizações de produção artesanal: habilidades produtivas nos caminhos singulares do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2006. Tese de doutorado – FGV.